

# **EDUCAÇÃO FÍSICA E ENSINO MÉDIO: DA REGULAÇÃO INSTITUÍDA PARA A CONSTRUÇÃO PERMANENTE DA EXPERIÊNCIA**

*Jéssika Ribeiro da Costa Campos, Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT,  
Cuiabá, Mato Grosso - Brasil*

*José Tarcísio Grunennvaldt, Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT, Cuiabá,  
Mato Grosso - Brasil*

*Marcia Cristina Rodrigues da Silva Coffani, Universidade Federal do Mato Grosso –  
UFMT, Cuiabá, Mato Grosso - Brasil*

## **RESUMO**

Investigou-se como as ações pedagógicas de um subprojeto de iniciação e fortalecimento à docência possibilitaram transformações nas concepções/representações dos alunos em relação à disciplina de Educação Física, no Ensino Médio de uma escola estadual, em Cuiabá-MT. A pesquisa é qualitativo-descritiva. Fez-se a observação e descrição das aulas antes e após as intervenções do subprojeto; e questionários (pré e pós) de avaliação dos impactos, avanços e retrocessos à luz de um referencial crítico e pós-crítico da Educação Física Escolar. Evidenciou-se que a Educação Física nessa escola se constitui com *modus operandi* do fazer pelo fazer, carecendo de uma maior problematização e sistematização de conteúdos/conhecimentos da cultura de movimento, o que se distancia da pretensa legitimidade como componente curricular.

**Palavras-Chave:** Educação Física escolar; Conteúdo; Esporte.

## **PHYSICAL EDUCATION AND SECONDARY EDUCATION: THE ADJUSTMENT INSTITUTED FOR PERMANENT CONSTRUCTION EXPERIENCE**

### **ABSTRACT**

We investigated how the pedagogical practices of a subproject initiation and strengthening the teaching enabled transformations in conceptions / representations of students in relation to the discipline of Physical Education in Secondary Education from a State School in Cuiabá - MT. The research is qualitative-descriptive. Made the observation and description of the classes before and after the interventions of the subproject, and questionnaires (pre and post) impact assessment, progress and setbacks in the light of a critical and post-critical framework of Physical Education. It was evident that Physical Education in this school as to the *modus operandi* of making do with a lack of systematization and posed problems of content / knowledge of movement culture, which distances itself from the alleged legitimacy as a curriculum component.

**Key- Words:** Physical Education; Content; Sport.

# **EDUCACIÓN FÍSICA Y EDUCACIÓN SECUNDARIA: EL AJUSTE INSTITUIDO PARA EXPERIENCIA CONSTRUCCIÓN PERMANENTE**

## **RESUMEN**

Se investigó cómo las prácticas pedagógicas de una iniciación subproyecto y el fortalecimiento de la enseñanza habilitadas transformaciones en las concepciones / representaciones de los estudiantes en relación a la disciplina de Educación Física en la Educación Secundaria de una escuela estatal en Cuiabá - MT. La investigación es cualitativo-descriptivo. Hizo la observación y descripción de las clases antes y después de las intervenciones del subproyecto, y cuestionarios (pre y post) la evaluación del impacto, los avances y retrocesos en la luz de un marco crítico y post-crítica de la educación física. Era evidente que la educación física en esta escuela en cuanto al modus operandi de hacer ver con una falta de sistematización y planteado problemas de contenido / conocimiento de la cultura de movimiento, que se distancia de la supuesta legitimidad como un componente curricular.

**Palabras-Clave:** Educación Física; Contenido; Sport.

## INTRODUÇÃO

Este texto é um relato de pesquisa de iniciação científica que retrata avanços, retrocessos e dificuldades encontradas ao longo do processo de implantação das ações de diagnóstico da realidade escolar e intervenções pedagógicas, de um subprojeto de iniciação e fortalecimento à docência, em efetivação no ano de 2013, nas aulas de Educação Física de uma escola estadual, com os alunos do Ensino Médio, em Cuiabá-MT.

A aproximação com a realidade educacional e o cotidiano das aulas de Educação Física nesta escola, nos levou a questionar o paradigma regulador da comodidade, o qual sustenta atividades de Educação Física para ceder lugar e incentivar legitimações de vivências e práticas do mundo da experiência dos sujeitos.

O objeto de pesquisa foi definido a partir do envolvimento com a escola; a inserção no cotidiano da docência; as dificuldades e resistências percebidas no diagnóstico da relação e representação dos alunos sobre a Educação Física no Ensino Médio; que se fortaleceram como elementos a serem investigados, consolidando o problema de pesquisa – a investigação do conteúdo e metodologia de ensino das aulas com o intuito de buscar superação dos problemas identificados em seu processo de ensino-aprendizagem.

O estudo investigou se as ações pedagógicas implementadas têm possibilitado transformações nas/das concepções dos alunos em relação às aulas de Educação Física. Foram descritas as aulas de Educação Física, registrando a prática pedagógica da professora; assim, foi possível averiguar se ocorreram mudanças nas representações dos alunos em relação à Educação Física após às intervenções do projeto; sugeriu-se, também, que o esporte institucionalizado adotado como conteúdo das aulas de Educação Física seja transformado em esporte educacional para atender os objetivos da Educação Física Escolar.

O diagnóstico inicial realizado pela equipe do projeto, acompanhado das leituras de estudiosos da Educação Física Escolar, nos fizeram perceber que existem diferentes concepções e abordagens pedagógicas, a partir das quais, o professor pode orientar a sua prática pedagógica. Porém, muito mais a preferência em se manter na “zona de conforto” tem predominado do que a opção pelo desafio de novas abordagens, mais especificamente,

nas aulas de Educação Física verificamos um abandono da docência seguido de uma “não-aula”. Diante desse cenário, a pesquisa indagou: É possível transformar uma realidade, onde existe um abandono pela docência seguido de uma “não-aula”, utilizando o esporte que vai além da reprodução dos valores instituídos da sua prática convencional?

Esperamos com o trabalho suscitar reflexões sobre a Educação Física no Ensino Médio, e provocar os professores de Educação Física a revisar, permanentemente, a sua prática pedagógica.

## 1 AS FUNÇÕES SOCIAIS DA ESCOLA, DA EDUCAÇÃO E DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Em nossa sociedade, a escola foi instituída com uma função civilizatória e para desempenhar esse papel utiliza-se de mecanismos de coerção e de consentimento, tendo como finalidade a educação escolarizada das crianças, adolescentes e jovens<sup>i</sup>. Neste contexto, se insere a Educação Física como componente curricular da escolarização, que trata de uma parcela do patrimônio cultural da humanidade – as práticas da cultura corporal de movimento<sup>ii</sup>. A partir desses demarcadores conceptivos, levantamos e discutimos mais detidamente, as funções sociais da escola percebendo como estão presentes no espaço/tempo da aula de Educação Física na escola.

Gómez<sup>8</sup> explica que a escola possui duas funções primordiais que se entrelaçam na materialidade das ações pedagógicas, que são a função de socialização e a função educativa. Ambas possuem características distintas, porém necessárias para atender os objetivos que orientam a instituição escolar, que são: incorporação do aluno no mundo do trabalho e formação do cidadão para sua intervenção na vida pública. Esse entendimento

---

<sup>i</sup> Gramsci<sup>1</sup> dedicava especial atenção à questão da formação das novas gerações com ênfase à educação. Ver: **Os intelectuais**: o princípio educativo. Magalhães<sup>2</sup> destaca que a educação é processo e produto. É ação e instituição. Ele enfatiza as implicações subjetivas que decorrem das práticas educacionais. Ver: **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. No entanto, para um contexto mais localizado, Rosa de Fátima de Souza<sup>3</sup> descreve o movimento educacional republicano identificado com a construção de um “homem novo” no Brasil, visando maior civilidade e progresso. Ver: **Templos de civilização**.

<sup>ii</sup> Data de década de 1980 um movimento em favor da Educação Física Renovadora, que pretende que a EF contribua na formação de pessoas críticas. Nesse movimento, a disciplina estuda e aprofunda uma pequena parcela da cultura, que pode ser denominado de cultura corporal ou cultura de movimento, Ver: Soares et al. Metodologia de ensino da Educação Física;<sup>4</sup> Kunz em Educação Física: ensino e mudanças<sup>5</sup> e Transformação didático-pedagógica do esporte;<sup>6</sup> Neira em Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas.<sup>7</sup>

aparece nos documentos legislatórios sobre a educação escolar brasileira, quando a LDBEN,<sup>9:1</sup> no art. 1, estabelece a educação como

[...] processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

vinculando-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Essa mesma LDBEN<sup>9:2</sup> estabelece como princípios e fins da Educação Nacional “[...] o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A Lei<sup>9:22</sup> estabelece a universalização do Ensino Médio gratuito como um dever do Estado, sendo parte integrante da Educação Básica que

[...] tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

O referencial de Gómez<sup>8</sup> nos leva a refletir que a função de socialização da escola é conservadora e reprodutora, pois traz para o interior cotidiano da escola, aquilo tudo que compõe a experiência social “para além dos muros escolares”, sem que haja uma avaliação, transformação ou adaptação para o ambiente escolar, como por exemplo, o esporte. A luz desse entendimento, o esporte é ensinado na escola da mesma forma como foi institucionalizado pela instituição esportiva, conservando seus códigos e valores. Esse fato tem transformado o espaço da aula Educação Física, no tempo do treinamento esportivo, sem que ocorra uma reflexão dos sentidos assumidos na formação do aluno.

Observamos então que, a função de socialização por si só não basta, ela precisa da função educativa para transformá-la, por isso a característica principal da função educativa é a busca pela mudança. Isso não quer dizer que nada se aproveita da função de socialização, afinal ela se preocupa com o fato histórico e sócio-cultural do esporte, o que realmente a função educativa modifica é a maneira com que esse esporte é ensinado na escola para atender as expectativas que não as do esporte institucional ou convencional.

Com efeito, este não é um processo simples, Gómez<sup>8:14</sup> alerta que “O delicado equilíbrio da convivência nas sociedades que conhecemos ao longo da história requer tanto a

conservação quanto a mudança, e o mesmo ocorre com o frágil equilíbrio da estrutura social da escola como grupo humano complexo [...]”. O autor explica que:

[...] a escola encontra-se frente as demandas inclusive contraditórias no processo de socialização das futuras gerações. Deve provocar o desenvolvimento de conhecimentos, idéias, atitudes e pautas de comportamento que permitam sua incorporação eficaz no mundo civil, no âmbito da liberdade do consumo, da liberdade de escolha e participação política, da liberdade e responsabilidade na esfera da vida familiar. Características bem diferentes daquelas que requer sua incorporação submissa e disciplinada, para maioria, no mundo do trabalho assalariado.<sup>8:15</sup>

Um dos primeiros objetivos da escolarização é justamente a formação do aluno/cidadão para sua intervenção na vida pública, preparando-o para viver em uma sociedade democrática na esfera política e em uma sociedade desigual na esfera econômica, ensinando que a hierarquia deve ser obedecida e as leis seguidas passivamente para que se mantenha a ordem social.<sup>8</sup> Logo, vemos que nessa perspectiva, os alunos não são preparados para intervir, mas sim para aceitar o mundo como ele é.

Essa dimensão da escolarização conflita com as possibilidades de discussão sobre o papel que o Ensino Médio tem na formação do sujeito e a relevância da Educação Física para o desenvolvimento do “protagonismo juvenil”, a fim de contribuir com a inserção do aluno de forma crítica e emancipatória na sociedade. Esta problematização do como a educação escolar tem atendido esse movimento social, expressa historicamente como a formação em nível médio tem desconsiderado a diversidade de adolescentes, jovens e adultos, que trazem marcas simbólicas e socioculturais, de diferentes trajetórias de vida e realidades sociais, expressas no corpo/corporalidade. Outro importante aspecto é o reconhecimento de que esse nível de ensino não pode ser pensado apenas a partir de um recorte geracional, cronológico e linear, mas a partir da concretude das diferentes realidades sociais, econômicas, culturais e étnicas, desses alunos.

Um segundo objetivo da escolarização analisado por Gómez<sup>8</sup> refere-se a incorporação do aluno ao mundo do trabalho. Ressalta o quanto é importante que esse aluno não aprenda somente conhecimentos, ideias, habilidades e capacidades formais, mas também que aprenda exercer disposições, maneiras, interesses e comportamentos, que devem ser adequados para as requisições do mundo do trabalho. E, para não formarem nesses alunos

o pensamento crítico e questionador, o conflito e a problematização não são estimulados nas aulas, ou seja, torna-se consensual a incorporação não-conflitante dos alunos ao mundo do trabalho.<sup>iii</sup>

É dessa forma que os objetivos consensuais irão imperar se não houver a participação da função educativa na escola, e mais precisamente nas aulas de Educação Física. Lembrando que sem o equilíbrio das duas funções, como afirma Gómez<sup>8:16</sup>

[...], a escola transmite e consolida, [...], uma ideologia cujos valores são o individualismo, a competitividade e a falta de solidariedade, a igualdade formal de oportunidades e a desigualdade ‘natural’ de resultados em função de capacidades e esforços individuais.

Para evitar a consolidação dessa ideologia no âmbito escolar, a função educativa se configura em dois eixos de intervenção, sendo eles: o desenvolvimento radical da função compensatória e a reconstrução do conhecimento e da experiência.<sup>8</sup>

No primeiro eixo, trata do desenvolvimento de um currículo flexível e plural que possa compensar as desigualdades sociais e culturais dos alunos, no qual “Sua realização é um evidente e complexo desafio que requer flexibilidade, diversidade e pluralidade metodológica e organizativa”.<sup>8:23</sup> Ressaltamos então, que para superar este desafio se deve superar a lógica da homogeneidade e da uniformidade pela lógica da heterogeneidade e da diversidade, pois só assim os efeitos da desigualdade serão atenuados e os alunos serão preparados, nas melhores condições possíveis, para lutar e se defender no cenário social.<sup>8</sup>

O segundo eixo abrange a reconstrução dos conhecimentos, atitudes e formas de conduta que os alunos assimilam nas práticas sociais, ou seja, cabe à escola provocar e facilitar situações próximas das quais os alunos encontrarão na vida pública. Porém, como indica Gómez<sup>8:26</sup> “[...] não se consegue a reconstrução dos conhecimentos, atitudes e modos de atuação dos alunos, nem exclusiva, nem prioritariamente, mediante a transmissão ou intercâmbio de idéias, por mais ricas e fecundas que sejam”. Para o autor isto ocorre a

---

<sup>iii</sup> As Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais do Mato Grosso<sup>10:230</sup> tem proposto a Economia Solidária no currículo da EJA, o que pode ser percebido como um movimento em favor de uma nova sensibilidade no sentido de insatisfação ao *modus operandi* da formação para o trabalho capitalista convencional que tanto tempo impregnou a legislação educacional brasileira. Com efeito, “trabalhar a economia solidária favorece o emprego das metodologias da educação popular [...]. Permite superar as condições de negação e de silenciamento as quais os (jovens e adultos estudantes da EJA) estão submetidos na economia formal, capitalista”.

partir das relações sociais na aula e na escola, de experiências de aprendizagem, intercâmbio e atuação que justifiquem e requeiram esses novos modos de pensar e fazer.

É por isso que a função educativa apresenta eixos de intervenção para atuar sobre a função de socialização, onde esta utiliza seus mecanismos de socialização com outros fins, para que os alunos sejam transformados através de práticas sociais que

[...] induzam à solidariedade, à colaboração, à experimentação compartilhada, assim como a outro tipo de relações como o conhecimento e a cultura que estimulem a busca, a comparação, a crítica, a iniciativa e a criação.<sup>8:26</sup>

Uma instigante leitura acerca das funções da escola nos traz Magalhães<sup>2</sup> em seu entendimento da educação como processo e produto, como ação e instituição. Esse movimento resulta do constante tencionamento entre o instituído e o intituinte. Vejamos o autor:

As implicações subjetivas que decorrem das práticas educacionais sugerem, por fim, uma interpretação complexa, que supere a oposição entre um positivismo lógico e um empirismo com reflexos no ativismo pedagógico, abrindo-se especificamente à noção de conveniência (categoria muito cara a Michel de Certeau ao interrogar-se sobre a invenção do cotidiano) e aos conceitos de interesse e de desejo, nas acepções de Dewey e Deleuze, bem como à experiência emocional como contraponto da ação e como superação da noção decroliana de necessidade. Esta renovação interpretativa encontra no quadro hermenêutico do pragmatismo crítico, tal como é entendido por entre outros Cleo Cherryholmes, uma nova conceitualização.<sup>2:107</sup>

A aproximação de Magalhães<sup>2</sup> com esses autores lhe autoriza a abertura e o reconhecimento do saber científico como ferramenta emancipatória. Nessa empreitada se valoriza a relação entre interesse histórico-hermenêutico e os interesses humanos, permitindo a aproximação epistêmica às pequenas racionalidades que configuram o cotidiano educacional, na sua internalidade e na apropriação e significação por parte do sujeito que aprende.

Tal referencial significará construir na formação docente uma cultura de ação multidisciplinar e colaborativa, como ressaltado nos documentos de orientação curricular (Orientações Curriculares Nacionais<sup>11</sup>; Ensino Médio Inovador<sup>12</sup>); e a produção de práticas pedagógicas para afirmação da identidade da Educação Física no Ensino Médio como

componente da formação humana, relacionando-se as demandas da socialização das culturas e protagonismo juvenil, agregando sentidos às práticas corporais na juventude.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa foi qualitativo-descritiva, pois para Triviños<sup>13:128</sup>

[...], a interpretação dos resultados surge como totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Assim, os resultados são expressos, por exemplo, em retratos (ou descrições), em narrativas, [...].

O trabalho de campo foi compreendido entre abril e agosto de 2013, numa escola estadual em Cuiabá-MT, que foi escolhida por ser uma das escolas na qual funcionam subprojetos do Programa Institucional PIBID da UFMT/CAPES, em específico, o Subprojeto PIBID Educação Física no Ensino Médio em Cuiabá.

Tomou-se como sujeitos da pesquisa, a professora supervisora de Educação Física da escola e 15 (quinze) alunos de ambos os gêneros, sendo 05 (cinco) meninos e 10 (dez) meninas, com faixa etária entre 13 e 18 anos, assim distribuídos: 09 (nove) alunos do 1º ano, 03 (três) alunos do 2º ano e 03 (três) alunos do 3º ano do Ensino Médio.

Para coleta de dados foram desenvolvidos três instrumentos: a) matriz de observação direcionada ao planejamento, objetivos e metodologia das aulas de Educação Física para descrever a prática pedagógica da professora; b) pré-questionário, respondido pelos alunos do Ensino Médio, período matutino, que tem as aulas de Educação Física, no contraturno escolar, com questões abertas e fechadas, que permitiu um diagnóstico sócio-antropológico dos alunos e a compreensão da representação sobre as aulas de Educação Física no Ensino Médio; c) pós-questionário, com questões abertas, com uma etapa de identificação e outra etapa da compreensão que os alunos compartilhavam a respeito das mudanças e práticas vivenciadas, a partir da intervenção do subprojeto de Educação Física nessa escola.

Antes de iniciar as intervenções nas aulas, aplicamos o pré-questionário, com o propósito de conhecer nosso público alvo e obter informações sobre os alunos envolvidos e seus conhecimentos sobre os conteúdos da Educação Física, bem como as práticas e saberes que gostariam de aprender e vivenciar na disciplina.

Iniciou-se, então, o momento da intervenção no período entre 02/07/2013 até 06/08/2013. As aulas foram desenvolvidas buscando atender tanto o planejamento da professora quanto o planejamento pensado pela equipe do projeto. Ao final de todas as aulas de intervenção foram entregues aos alunos os pós-questionários, para avaliar as atitudes em relação às aulas de Educação Física, depois de vivenciarem outra forma de encaminhamento das aulas.

Ao final da coleta de dados, com os dois questionários respondidos, selecionamos como grupo de amostra da nossa pesquisa apenas os alunos que responderam tanto o pré-questionário quanto o pós-questionário, porque só assim foi possível traçar um paralelo das concepções dos alunos antes e depois das intervenções nas aulas.

### **3 EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: ENSAIANDO O NOVO DISTANTE**

Para atender nossos objetivos, observamos e relatamos 12 (doze) aulas ministradas pela professora de Educação Física, entre o período de 30/04/2013 a 23/05/2013, com o intuito de descrever a prática pedagógica e estabelecer nexos com o referencial teórico da pesquisa.

As aulas de Educação Física são realizadas em contraturno e separadas por ano e gênero, se configurando da seguinte maneira:

Quadro 1 - Horário das aulas de Educação Física

<b>Dias da Semana</b>	<b>Horário</b>	<b>Turma</b>	<b>Sexo</b>
<b>Terça-feira</b>	14:00 – 14:50	1º anos (A, B, C)	Masculino
	14:50 – 15:50	1º anos (D, E)	Masculino
	16:15 – 17:10	1º anos (A, B, C)	Feminino
	17:10 – 18:00	1º anos (D, E)	Feminino
<b>Quinta-feira</b>	14:00 – 14:50	2º anos (A, B, C)	Masculino
	14:50 – 15:50	3º anos (A, B)	Masculino
	16:15 – 17:10	2º anos (A, B, C)	Feminino
	17:10 – 18:00	3º anos (A, B)	Feminino

Fazendo uma leitura do Quadro 1, percebemos que a escola reproduz o segregacionismo em suas aulas de Educação Física, separando os meninos das meninas. A respeito desse assunto, Lovisoló<sup>14</sup> se demonstra preocupado, afinal a escola é uma representação da

sociedade e nas aulas de Educação Física, como em todas as outras disciplinas, devem existir relações sociais entre meninos e meninas, visto que em várias esferas importantes como as do mercado, da educação, da política e da cultura, a segregação já foi superada.

No decorrer das observações das aulas, a partir de evidências encontradas, nossa impressão foi de que a Educação Física dessa escola se mostra como uma atividade carecendo de maior sistematização. Isso ficou evidente na prática pedagógica da professora no decorrer da aula. Tal realidade não se modifica, pois as aulas seguiam semelhante rotina, como podemos observar logo abaixo.

*A professora chegava para dar início à aula, com o diário de chamada e uma bola de futsal. Os alunos iam chegando paulatinamente, muitas vezes, antes mesmo dela apresentar sua intenção de aula, os alunos pegavam a bola e, rapidamente, começavam a jogar futsal. Eles mesmos se dividiam em dois times (cinco para cada lado) e estipulavam que a entrada dos times que ficaram de “fora” era quando um dos times fizesse dois gols ou depois de dez minutos. Dos alunos que ficaram do lado de fora da quadra, tinham aqueles que estavam esperando o momento de entrar no jogo, mas também tinham aqueles que permaneceram sentados até o final da aula. Ao contrário dos alunos, as alunas não tinham pressa para começar a jogar futsal, depois da chamada ainda ficavam sentadas conversando por um bom tempo, até que a professora pedia para duas alunas separarem os times, depois dos dois times formados, o jogo começava. Algumas alunas não participavam da aula, apenas ficavam sentadas conversando ou mexendo no celular. A professora não insistia para que as mesmas participem da aula. E, em todas as aulas observadas de Educação Física, os alunos e alunas apenas jogaram futsal, jogo que em nenhum momento ocorreu intervenção da professora.*

Caberia perguntar se alguém se preocupou com aqueles e aquelas que ficaram de fora do jogo realizado na aula de Educação Física? Se ao menos, esses alunos que ficam de fora do futsal por não terem qualidades necessárias para desenvolver um jogo razoável, fossem estimulados pela professora para participar da aula, de modo a exercer o protagonismo em situações que poderiam ser (re)criadas problematizando situações de aulas, propondo modificações no esporte e, sugerindo a criação de novos jogos, mas pensados pelos alunos na medida em que atendiam aos anseios do grupo tendo em vista limitações motoras dos

educandos ou de espaço físico que a escola porventura possa apresentar. Acredita-se que nessa situação de “miséria da Educação Física”, que fazer parte da arbitragem das partidas, talvez pudesse ser estímulo de fazer levar algo de utilidade para sua vida prospectiva, de suas aulas de Educação Física. Em caso de continuarem sem estimulação para a participação em qualquer esfera de prática ou da organização, eles vão se inibindo, e tal comportamento presente e/ou futuro, poderá contribuir na formação de um sujeito que na vida adulta tenha medo de se posicionar perante os problemas da sociedade.

Olhando para essa realidade percebe-se uma preocupação em deixar o jogo acontecer mesmo que vários alunos não participem, e ainda, aqueles que estão jogando não recebem nenhum direcionamento ou orientação, despreocupando-se com a figura principal da aula, o aluno. Kunz<sup>6:127</sup> adverte que “O aluno enquanto sujeito dos movimentos intencionados na aprendizagem e não à modalidade esportiva devem estar no centro de atenções do ensino”.

Além disso, o desenvolvimento da habilidade motora é, basicamente, o fator mais importante nestas aulas, fator esse que também é selecionador, visto que os alunos menos habilidosos não participavam das aulas, isto porque a professora desenvolve jogos esportivos, orientados pelos códigos, valores, sentidos e significados absorvidos das instituições esportivas.

*Durante as aulas dos meninos sempre ocorriam várias partidas, e a vontade de ganhar era um sentimento visivelmente predominante, existiam poucos momentos de descontração, na maioria do tempo o jogo era tenso e sério, se ouvia também muitos palavrões e algumas discussões para decidir quem estava certo em determinado lance do jogo. O jogo das meninas se mostrava tranquilo, elas levavam quase tudo na brincadeira, se divertiam e davam risadas dos próprios erros, porém não demorava muito para se cansarem. Nesse contexto, uma ou outra começa a sentar dizendo que estava cansada, mesmo que a aula não tinha sido encerrada, o jogo acabava por falta de meninas para jogar.*

Como preceitua a pedagogia crítica da Educação Física, esta situação de aula seria uma boa oportunidade de se fazer uma interação pedagógica, no sentido de refletir consequências da ação acontecida no decorrer das partidas. Devemos, portanto, considerar

que a educação é um processo que deve ser pautado, no que Kunz<sup>6</sup> chama de “ações comunicativas”. E, esse mesmo autor afirma que:

O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica.<sup>6:31</sup>

Afinal, do modo como as aulas eram realizadas nessa escola fica evidente que a representação da Educação Física é de uma atividade que se realiza sem maior rigor e sistematização de conteúdos/conhecimentos para as diversas séries escolares. Visto que, Saviani<sup>15:142</sup> define componente curricular como: “[...] a forma de organização do conteúdo de ensino em cada grau, nível e série, compreendendo aquilo sobre o qual versa o ensino, ou em torno do qual se organiza o processo de ensino aprendizagem”.

Considerando que, a disciplina Educação Física não tem como finalidade formar atletas e muito menos ser um momento de lazer ou ócio, mas que ela se orienta por um objetivo concreto que nada mais é que o objetivo maior da escola, no qual, de acordo com Neira<sup>16:40</sup> é: “[...] colaborar na formação das pessoas para que elas possam ler criticamente a sociedade e participar dela atuando para melhorá-la”.

Para ajudar a consolidar esse objetivo, no contexto em que se encontra a Educação Física dessa escola, o projeto se faz presente nas aulas para desenvolver uma proposta possível de Educação Física Escolar, que segundo Neira<sup>16:40</sup> “[...] é investigar como os grupos sociais se expressam pelos movimentos, criando esportes, jogos, lutas, ginásticas, brincadeiras e danças”, entendendo “[...] as condições que inspiram essas criações e experimentá-las, refletindo sobre quais alternativas e alterações são necessárias para vivenciá-las no espaço escolar”.<sup>16:40</sup>

Logo, não propomos a erradicação do esporte na escola, mas sim, a sua transformação, como comenta Kunz<sup>6:127</sup> “[...] não é apenas a transformação prática do esporte que deve acontecer [...] , mas, principalmente, a compreensão das possibilidades de alteração do sentido dos esportes. Essa transformação requer o elemento reflexivo no trabalho pedagógico”. Por isso, cabe ao professor fazer uma reflexão tanto acerca dos conteúdos e da metodologia quanto sobre a compreensão da Educação Física Escolar. Nesse sentido,

Kunz<sup>5:182</sup> afirma que “[...] não é suficiente preocupar-se somente com mudanças nos conteúdos ou nas formas e métodos de transmissão [...]”, sendo necessário a mudança da concepção de Educação Física e seu processo de ensino-aprendizagem.

Afinal, segundo Carlan<sup>17:24</sup> “[...] o conteúdo esporte, não tem conseguido atingir, mobilizar, transformar e qualificar o grau de satisfação prometido, nem na dimensão de mérito técnico-científico, nem na dimensão cultural-humana”. Por isso, a preocupação em transformar o esporte institucionalizado em esporte educacional.

#### **4 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA VISÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Fizemos o confronto das representações dos alunos sobre a Educação Física, com base nos pré e pós-questionários, traçando um paralelo das concepções compartilhadas, antes e depois da intervenção do projeto nas aulas de Educação Física.

Buscou-se saber se os alunos se identificam e sentem motivados a participar das aulas de Educação Física, conforme Quadros 2 e 3:

Quadro 2 - Representação dos alunos do pré-questionário

<b>Respostas</b>	<b>Categorias</b>	<b>Total</b>	<b>Aspectos</b>
Sim	Esportes	7	4 gosto de praticar esportes 3 gosto de jogar bola
	Exercícios Físicos	3	3 é bom fazer exercícios
	Gostar	2	2 eu gosto
Não	Atividades	3	1 é sempre a mesma coisa
	Costumeiras		2 é sempre futsal

Em relação à questão nº 1 do pré-questionário observamos que 12 alunos responderam que gostam e se sentem motivados a participar das aulas de Educação Física, dentre esses alunos, 7 mencionaram o esporte como justificativa, 3 deles gostam e se motivam a participar, pois alegam que é bom fazer exercícios físicos e 2 alunos gostam pelo gostar. Podemos perceber que 3 alunos responderam que não gostam e não se sentem motivados a participar das aulas de Educação Física pois afirmam que as aulas possuem atividades costumeiras.

No pós-questionário, percebemos que os 15 alunos responderam que gostam e se sentem motivados a participar das aulas de Educação Física e, suas justificativas foram classificadas em seis categorias.

Quadro 3 - Representação dos alunos do pós-questionário

Total	Categorias	Total	Aspectos
Sim	Esportes diferentes	4	3 jogamos o mesmo esporte de várias maneiras 1 jogamos outros tipos de esportes
	Novidade	2	2 agora tem muitas coisas novas pra fazer
	Motivação	1	1 as atividades são interessantes
	Saúde	2	2 faz bem pra saúde
	Interação	3	1 agora está havendo bastante interação e inclusão com todos 2 levam atividades para todos participarem
	Diversão	3	1 a aula está mais legal 2 as aulas são bem mais divertidas

Depois de feita uma análise comparativa entre os Quadros 2 e 3, verificamos que ocorreu mudança nas concepções dos alunos em relação as aulas de Educação Física depois da intervenção do subprojeto, visto que, no Quadro 3 referente ao pós-questionário todos os alunos responderam que gostam e se sentem motivados a participar das aulas de Educação Física. E ainda, quando voltamos nosso olhar para as categorias conferimos que as mesmas foram ampliadas e re-significadas em: “Esportes diferentes”, no qual se refere à transformação pedagógica do esporte que de acordo com a visão/percepção dos alunos recebeu essa nomenclatura; “Novidade”, segundo os alunos, tem relação com as coisas novas aprendidas nas aulas de intervenção que vão além do esporte institucionalizado; “Motivação”, de acordo com o aluno, agora ele se sente motivado participar das aulas, pois as atividades são interessantes; “Saúde”, mencionada por dois alunos que justificam participar das aulas por fazerem bem para a saúde; “Interação”, três alunos em suas respostas ressaltaram que gostam e se motivam em participar das aulas pelas atividades que integram toda turma e não necessita de nenhuma habilidade específica voltada para determinado esporte para entrar na atividade, ou seja, não seleciona seus participantes afinal todos têm a possibilidade de participar, basta querer; “Diversão”, três alunos são classificados para essa categoria, visto que, participam das aulas de Educação Física pelo divertimento, pois acham que as aulas estão mais legais.

Na segunda questão buscamos saber o que os alunos mais gostam de fazer nas aulas de Educação Física, conforme respostas nos Quadros 4 e 5:

Quadro 4 - Representação dos alunos do pré-questionário

<b>Categorias</b>	<b>Total</b>	<b>Aspectos</b>
Esportes	<b>15</b>	<b>6</b> futsal <b>2</b> futsal e handebol <b>2</b> futsal, vôlei e basquete <b>1</b> futsal e vôlei <b>3</b> vôlei <b>1</b> handebol

De acordo com as respostas dos alunos para a questão nº 2 do pré-questionário foi possível agrupá-las e classificá-las em uma categoria chamada “Esporte”. Logo, o que todos os alunos mais gostam de fazer nas aulas de Educação Física é praticar esporte, aparecendo o futsal como o mais mencionado, seguido pelo vôlei, handebol e basquete.

Quadro 5 - Representação dos alunos do pós-questionário

<b>Categorias</b>	<b>Total</b>	<b>Aspectos</b>
Esportes	<b>7</b>	<b>3</b> futsal <b>2</b> vôlei <b>1</b> handebol <b>1</b> basquete
Esportes diferentes	<b>3</b>	<b>1</b> aprender esportes novos <b>2</b> fazer esportes diferentes
Dinâmicas	<b>2</b>	<b>2</b> dinâmicas que incluem todo mundo
Diversão	<b>1</b>	<b>1</b> me divertir em qualquer atividade
Tudo	<b>2</b>	<b>2</b> todas as atividades

No Quadro 5 observando as respostas dos alunos referente a questão nº 2 quando apresenta depois do envolvimento do projeto na organização das aulas de Educação Física dessa escola, notamos que a categoria “Esporte” ainda prevalece, com o total de sete alunos afirmando gostar de futsal, vôlei, handebol ou basquete, porém, surgiram mais quatro categorias, sendo elas: “Esportes diferentes”, onde três alunos revelam gostar do esporte pedagogicamente transformado; “Dinâmicas”; dois alunos denominam as atividades realizadas nas aulas de intervenção de dinâmicas, e afirmam gostar pois elas incluem todo

mundo; “Diversão”, um aluno ressalta que gosta de se divertir em qualquer atividade; “Tudo”, nessa categoria dois alunos comentam gostar de tudo numa forma geral.

Fazendo uma análise comparativa entre os Quadros 4 e 5, percebemos mudanças nas concepções dos alunos sobre a questão do que eles gostam de fazer nas aulas de Educação Física. Entendemos que não podemos gostar de algo que não conhecemos, por isso o esporte foi a única resposta encontrada no Quadro 4 do pré-questionário, visto que, o esporte é o conteúdo predominante no ensino da Educação Física dessa escola. Enquanto, no Quadro 5 onde apresentamos as respostas do pós-questionário, foi visível o aumento das opções para gostar de fazer. A categoria “Esporte”, ainda se manteve com sete alunos, Carlan<sup>17:26</sup> comenta que muitas vezes: “[...] o professor trata a Educação Física e o esporte como se fossem equivalentes, ou seja, não promove uma distinção entre ambos”, o que gera no pensamento do aluno uma supervalorização do esporte difícil de ser suprimida, mas não impossível. Visto que, oito alunos mencionaram outras opções a respeito do que mais gostam de fazer nas aulas de Educação Física, onde foram categorizadas em: “Esportes Diferentes”, “Dinâmicas”, “Diversão” e “Tudo”.

A terceira questão teve o seguinte enunciado: O que você aprende nas aulas de Educação Física? Os resultados das respostas dos alunos a esta questão no pré e no pós-questionário, estão resumidos nos Quadros 6 e 7, respectivamente.

Quadro 6 - Representação dos alunos do pré-questionário

<b>Categorias</b>	<b>Total</b>	<b>Aspectos</b>
Esportes	<b>8</b>	2 jogar bola 2 como praticar esportes 3 jogar vôlei 1 os esportes propostos
Exercícios	<b>2</b>	2 fazer exercício
Regras	<b>3</b>	3 as regras dos esportes
Várias coisas	<b>2</b>	2 várias coisas

O Quadro 6 representa as respostas dos alunos para a questão nº 3 do pré-questionário, na categoria “Esportes”, oito alunos afirmaram aprender “jogar bola”, “como praticar esportes”, “jogar vôlei” ou “os esportes propostos”; “Exercícios”, dois alunos responderam que aprendem a fazer exercícios; “Regras”, três alunos mencionaram que aprendem as

regras dos esportes; “Vários coisas”, e dois alunos responderam que aprendem várias coisas. Segundo Kunz<sup>6</sup> podemos resumir as categorias, apenas, num saber-fazer, ou seja, saber como praticar esportes, saber fazer exercícios, saber as regras, se esquecendo do saber-pensar e saber-sentir, atributos estes que devem ser ensinados juntos.

Quadro 7 - Representação dos alunos do pós-questionário

<b>Categorias</b>	<b>Total</b>	<b>Aspectos</b>
Esportes	2	2 vários esportes
Regras	1	1 construir nossas próprias regras
Diferentes maneiras de jogar	3	1 que o mesmo esporte pode ser praticado de várias maneiras 1 que futsal pode jogar sentado 1 que podemos aumentar o números de jogadores em todos os esportes
Esporte adaptado	1	1 que os cegos também jogam bola
Socialização	3	1 trabalhar em equipe 1 todos devem colaborar no jogo 1 se interagir com outras pessoas
Criatividade	1	1 que eu posso criar um jogo diferente do futsal que eu jogo
Saúde	2	2 exercitar faz bem pra saúde

De acordo com as respostas dos alunos para a questão nº 3 foi possível representá-las em sete categorias no pós-questionário, se configurando da seguinte forma: dois alunos responderam aprender vários esportes podendo ser classificados na categoria “Esportes”; um aluno respondeu aprender regras se encaixando na categoria “Regras”; “Diferentes Maneiras de jogar” é uma categoria formada por cinco alunos, essa categoria se relaciona com a transformação didático-pedagógica do esporte, como o esporte foi modificado, conseqüentemente, sua maneira de jogar também; “Esporte adaptado” é uma categoria formada por um aluno que aprendeu que os cegos também jogam bola; na categoria “Socialização” três alunos mencionaram aprender a “trabalhar em equipe”, “que todos devem colaborar no jogo” e “se interagir com outras pessoas”; na categoria “Criatividade” um aluno afirmou que aprendeu que existe possibilidade de criar um jogo a partir de um jogo que já existe; e dois alunos aprenderam que exercitar faz bem pra saúde formando assim a categoria “Saúde”.

Analizamos os dois quadros e, observamos que, no pós-questionário, foram menos frequentes as indicações para o aprendizado de esportes e nenhuma indicação para exercícios físicos.

Para a categoria “Regras”, houve duas indicações a menos no pós- questionário, porém, com uma modificação no seu sentido: no pré-questionário os três alunos indicaram essa categoria com a expressão “as regras dos esportes”; já nos pós-questionário, o aluno usou a expressão “construir nossas próprias regras”. Para Bracht<sup>18:199</sup> “Isso denota que o aluno estará transferindo não somente uma regra previamente determinada pelo professor ou pelo esporte eleito, como também uma regra que foi desenvolvida pelo próprio aluno nas aulas de Educação Física”.

Também se observa no pós-questionário, o surgimento de novas categorias, de acordo com Bracht<sup>18:105</sup> isso é uma “[...] indicação clara de tomada de consciência de que outros valores são desenvolvidos nas aulas de Educação Física que não apenas aqueles ligados estritamente ao exercício físico e às destrezas esportivas”.

Na questão quatro foi perguntado: Atualmente a Educação Física tem importância para você? Por quê?

Quadro 8 - Representação dos alunos do pré-questionário

<b>Categorias</b>	<b>Total</b>	<b>Aspectos</b>
Exercitar	<b>6</b>	2 para não ficar parado 2 para fazer exercícios 1 porque não sou de praticar muitos esportes 1 para melhorar o preparo físico
Transferência	<b>5</b>	2 porque aprendo outras coisas 3 para aprender sobre esportes
Saúde	<b>4</b>	4 porque faz bem pra saúde

O Quadro 8 referente a questão nº 4 do pré-questionário, classificamos as respostas em três categorias, onde “Exercitar” recebeu seis indicações, “Transferência” recebeu cinco indicações e “Saúde” quatro indicações.

Quadro 9 - Representação dos alunos do pós-questionário

<b>Categorias</b>	<b>Total</b>	<b>Aspectos</b>
Exercitar	<b>6</b>	2 porque é único meio de me exercitar 3 porque gosto de ficar ativo 1 gosto de praticar
Transferência	<b>3</b>	1 porque aprendo coisas novas 1 aprendo coisas que posso usar no dia-a-dia 1 porque ela ajuda na nossa coordenação
Saúde	<b>4</b>	1 para eu não ser sedentário 3 faz bem pra saúde
Bem estar	<b>2</b>	1 me distrair 1 trabalha me corpo e minha cabeça
Interesse	<b>1</b>	1 quero ser professora de Educação Física

No Quadro 9 representamos as repostas dos alunos para a questão nº 4 do pós-questionário através de cinco categorias, sendo elas: “Exercitar” com seis indicações; “Transferência” com três indicações; “Saúde” com quatro indicações; “Bem estar” com duas indicações e “Interesse” com uma indicação.

Diante de uma comparação realizada entre esses quadros, nos quais, mostram as respostas dos alunos antes e depois da intervenção do subprojeto nas aulas de Educação Física, verificamos que nenhum aluno em ambos os questionários conseguiu responder sobre a real importância da Educação Física como componente curricular. Neira<sup>16</sup> comenta que desenvolver aulas de Educação Física “fora” do período regular, dispensar alunos por motivos médicos ou substituir as aulas de Educação Física por atividades pouco relacionadas com a área, colabora para construir na “cabeça” de alunos e professores, a representação de uma disciplina alheia ao projeto escolar, que serve apenas como recreação ou passatempo e não tem nenhum objetivo pedagógico.

A questão nº 5 tinha a seguinte redação: Você aplica os conhecimentos de Educação Física no seu dia-a-dia? De acordo com as respostas dos alunos, tanto no pré quando no pós-questionário, entendemos que os alunos ainda não conseguem responder com precisão se os conhecimentos são transferidos ou não para outras situações da vida, visto que, muitos alunos responderam que “Sim”, ou seja, eles aplicam os conhecimentos de Educação Física no dia-a-dia, porém nenhum deles justificou: “Onde?”, “Como?” ou “Para quê?” E, quando justificavam, sempre faziam relação com o esporte ou com os exercícios físicos, como por

exemplo: “Sim, pois faço ciclismo todos os dias”; “Sim, faço vôlei duas vezes por semana”; e “Sim, na academia”.

Bracht<sup>18:105</sup> acredita que “A questão da transferência, nessa perspectiva, vincula-se, portanto, à idéia de que as transformações sociais não ocorrerão através da escola, mas sim, terão de operar-se simultaneamente nesta e na sociedade”, de forma que o professor precisa acreditar nessa possibilidade e não menosprezar sua contribuição na formação do sujeito.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo ao apresentar os dilemas, as dificuldades e os conflitos observados nas aulas de Educação Física da escola em questão, também se preocupou em proporcionar meios para buscar a superação dos problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com o conteúdo esporte.

Entende-se que Educação Física dessa escola se mostra como uma atividade carecendo de maior sistematização de seus conteúdos, metodologia e conhecimentos, se mostrando uma aula ausente de uma intencionalidade pedagógica. Mesmo diante dessa realidade, a presença do projeto de iniciação à docência na escola proporcionou aos alunos outra “visão” de Educação Física no Ensino Médio.

As respostas evidenciaram as mudanças, visto que a motivação acerca das aulas de Educação Física foi ampliada significativamente. Quanto ao gosto e aprendizado do esporte, no primeiro questionário os alunos generalizaram a resposta mencionando apenas esporte com ênfase em suas regras e prática. Por sua vez, no pós-questionário suas respostas, movidos pelas vivências proporcionadas pelas aulas aplicadas pelo subprojeto, foram enriquecidas dando vazão a uma margem maior de possibilidades para o tratamento e entendimento do conteúdo esporte, inclusa sua transformação pela escola.

Portanto, é evidente que temos algo a ensinar, mas acima de tudo, é preciso que o sujeito professor na condição de aprendiz deve se colocar na condição de querer se modificar e aprender, tendo em vista que a característica que mais marca a condição humana é a da incompletude.

Concluimos, que através da dedicação e do esforço pela busca da mudança quaisquer que forem as limitações do contexto/realidade escolar, tais como estruturais, materiais, didáticas, sociais, culturais, financeiras e educativas, podem ser superadas. Notamos também, que apesar da supervalorização do esporte construída nas concepções dos alunos, tendo em vista que o esporte é um fenômeno histórico-social, é possível desenvolvê-lo através de uma prática pedagógica que busca sua transformação crítica para autonomia do sujeito.

## **REFERÊNCIAS**

<sup>1</sup>GRAMSCI, A. **Os intelectuais**: o princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. (Cadernos do Cárcere II).

<sup>2</sup>MAGALHÃES, J. **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2004.

<sup>3</sup>SOUZA, R. F. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.

<sup>4</sup>SOARES, C. L. et al. **Metodologia de ensino de Educação Física** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

<sup>5</sup>KUNZ, E. **Educação Física**: ensino & mudanças. Ijuí: Ed. da Unijuí, 1991.

<sup>6</sup>KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2004.

<sup>7</sup>NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal**: crítica e alternativas. São Paulo: Phorte, 2006.

<sup>8</sup>GÓMEZ, A. I. P. As Funções Sociais da Escola: da Reprodução à Reconstrução Crítica do Conhecimento e da Experiência. In: SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artemed, 1998.

<sup>9</sup>BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 12 mar. 2013.

<sup>10</sup>MATO GROSSO. Secretaria de Estado da Educação. **Orientações curriculares: diversidades educacionais**. Cuiabá: Defanti, 2010.

<sup>11</sup>BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006.

<sup>12</sup>BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino médio inovador**. Brasília, 2009.

<sup>13</sup>TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

<sup>14</sup>LOVISOLO, H. Mulheres e esporte: processo civilizador ou (des)civilizador. SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR. CIVILIZAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 12., 2009, Recife. **Anais...** Recife, 2009.

<sup>15</sup>SAVIANI, N. **Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/transversal métodos no processo pedagógico**. Campinas: Autores Associados, 1994.

<sup>16</sup>NEIRA, M. G. Entrevista com Marcos Neira sobre o papel da Educação Física nas escolas. **Nova Escola**, São Paulo, p. 38-42, ago. 2009.

<sup>17</sup>CARLAN, P. **O esporte como conteúdo da educação física escolar**: um estudo de caso de uma prática pedagógica. Florianópolis: 2012. 354 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

<sup>18</sup>BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.